
4 POR UMA ESPIRITUALIDADE LAICA

Wesley de Jesus Barbosa

Licenciado em História e Bacharel em Psicologia pela UFES. Mestre em Filosofia (PPGFIL-UFES). Doutorando em Filosofia (PPGFIL-UFES) e doutorando em Psicologia (PPGP-UFF).

E-mail: wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com

RESUMO

O presente artigo desenvolve-se sobre a temática do amor como possibilidade de uma experiência com o sagrado. O termo cunhado por Ferry é espiritualidade laica, já Sponville remete-se a uma espiritualidade sem Deus. Ambos dialogam encaminhamentos para uma espiritualidade, ou mesmo algum elemento que valha a pena se arriscar após a era da desconstrução, indicada por Ferry como iniciada com os boêmios franceses do século XIX e Nietzsche na Alemanha. Se Ferry traça o percurso histórico, desde os boêmios até o amor real, factual, não o amor abstrato dos Iluministas, para corroborar sua *Revolução do Amor*, Sponville vislumbra nos diferentes nomes dados ao amor pelos gregos antigos, - eros, *philia* e ágape -, a humanização necessária ao termo, no sentido de fixá-lo à Terra reverberando o seu sentido profundo, como último recurso a uma espiritualidade para ateus.

Palavras-chave: Espiritualidade. Amor. Ateísmo.

ABSTRACT

The present article unfolds on the theme of love as the possibility of an experience as sacred. Or termed by Ferry is lay spirituality, and Sponville refers to a spirituality sem Deus. Both dialogue paths for a spirituality, or even some element that is worth risking after the era of deconstruction, indicated by Ferry as initiated with the French bohemians of the 19th century and Nietzsche in Germany. Se Ferry traces the historical path, from the boêmios até or real, factual love, not the abstract love of the Illuminists, to corroborate their Revolução do Amor, Sponville glimpses the different names given to love by ancient Greeks, - eros, philia and agape -, a necessary humanization to the term, no sense of fixing it to Earth reverberating or its deep sense, as a last resort to a spirituality for ateus.

Keywords: Spirituality. Love. Atheism.

4.1 A REVOLUÇÃO DO AMOR

Cristo amou. Amou integralmente, como homem e Deus, amou aos que o açoitaram, aos que lhe sulcaram a carne com as mais profundas feridas, os que zombaram dele como *Rei dos Judeus*, os que lhe negaram água, o ladrão companheiro de cruz, as prostitutas, as crianças, os doentes. Amou e não exigiu nada em troca, nem mesmo o amor que o sentenciou a morte mais leviana. O seu sacrifício de amor é o ensinamento que só se aprende pelo amor. Se pode contar, narrar as estrofes dos Evangelhos, como transmissão da cultura religiosa, porém só como paixão, amor ao homem numa prática diária e teimosa que é possível verificar o sentido emancipador da doação aos inimigos como a resposta mais justa ao crápula que estorva a humanidade com a sua torpeza. “O Cristo tem por nós um amor integralmente gratuito, um amor totalmente desinteressado; [...]” (FERRY; JERPHAGNON, 2011, p. 72). Ao morrer dá a vida. Deixa de ser por causa do pecado que toma o homem de não ser; pelo mal, o homem se perde de si, esquece-se do que é para morrer enlameado na vilania e no ódio como um ser que definha na sua própria constituição. Mas o gesto de Jesus, de não ser, devolve ao homem a sua imensidão, quando, quando homem, lembra o homem do amor que o faz ser a plenipotência de si. “[...], é preciso pensar que Deus se retirou para nos dar lugar. É assim o amor de Deus por nós, Deus se fez falta de ser para que haja ser. Ele se retira para que possamos existir.” (FERRY; JERPHAGNON, 2011, p. 73). O Todo-Poderoso se rebaixou, mostrou a toda a nobreza, a nobreza da santidade pela profissão do amor, de ser igual a ralé, aos pobres e fedidos, aos doentes e sofredores. “São os cristãos que inventam a ideia moderna de igualdade, de igual dignidade dos seres humanos” (FERRY; JERPHAGNON, 2011, p. 86). A transmissão cultural do feito de Jesus e sua assimilação pelo mundo greco-romano no pulo para a medievalidade destroça os ideais aristocráticos romanos, sendo para Ferry, a revolução cristã, a descomunal revolução moral que culminará no Iluminismo e tudo que se assemelhe a isto, apesar de sua abordagem laica rechaçar qualquer presença religiosa em sua filosofia.

[...], o aristocrata se define essencialmente como um ser dotado que não trabalha. [...] Na verdade, pode-se dizer que, desse ponto de vista, todas as morais democráticas, sem exceção alguma, são herdeiras diretas do cristianismo e da ruptura, [...], que ele vai estabelecer com o mundo grego (FERRY; JERPHAGNON, 2011, p. 83).

Portanto, pelo Espírito Santo, Deus Pai se fez Deus Filho, para que o amor desabrochasse como revolução. “[...] é na união de dois seres sob a égide de um terceiro que o amor desabrocha” (FERRY; JERPHAGNON, 2011, p. 95). Mais do que isto, é por uma

experiência marcada no corpo como paixão, sentimento, emoção, em oposição às noções frias da filosofia enquanto saber ordenador, sensato e racional, que o cristianismo sufocou o sofisticadíssimo sistema grego romano de compreensão do mundo, arrogando-se agora como principal mantenedor dos problemas filosóficos instrumentalizando a filosofia às suas demandas. “Penso que foi assim que o cristianismo venceu. Pela tentação que exerceu sobre os corações, muito mais que sobre as mentes” (FERRY; JERPHAGNON, 2011, p. 97). Assim, é inegável a influência do cristianismo na fundação do mundo contemporâneo, inclusive dos valores ateus.

O ideal é reativo. Destruí-lo para regozijar-se dos escombros numa zombaria é reativo. Destruir por destruir é tão niilista quanto o além-mundo. Se um dia pudéssemos acessar a coisa em si e descobríssemos que todo o fenômeno, que até agora vislumbramos, são ideais, recursos da nossa sofisticada imaginação e que, portanto, todo esse perceber não passa de falsidade, ainda assim não valeria a pena levantar alguns ídolos? É possível uma vida sem ídolos? Não seria uma manobra oportuna de uma vontade de poder levantar ícones para se adorar: Deus, Igreja, socialismo, comunismo, feminismo, Iron Maiden, Lula, Bolsonaro, Ciro Gomes? Contudo, é importante colocar em análise, não os significantes mestres da adoração, em si mesmos, como a querer extirpá-los num imoralismo vulgar, mas verificar quais deles fortalece a vontade de poder num reordenamento das forças numa intensificação do ativo.

[...]: blasfemar não é mais dizer que Deus está morto, mas, pelo contrário, é ceder ainda às bobagens metafísicas e religiosas segundo as quais haveria um “além”, ideais superiores, mesmo irreligiosos como o socialismo ou o comunismo, em nome dos quais seria preciso “transformar o mundo” (FERRY, 2012, p. 121).

Ferry fará uma divisão do humanismo. Atribuirá uma primeira fase, bem conhecida dos filósofos, que poderia ser demarcada cronologicamente no Renascimento Cultural e Científico (século XV). Que passará por um forte ataque, principalmente com Nietzsche e os Românticos, ou os filósofos da suspeita, inclui-se Marx e Freud, principalmente, desembocando numa era da desconstrução, numa perda generalizada dos valores na pós-modernidade. Essa pós-modernidade líquida, intempestiva e frágil, adoradora, ainda, dos túmulos de Deus, porém angustiada com o vazio de uma vida como sepulcro, guarda um último ídolo, o mais antigo de todos os alicerces, do qual vale a pena morrer, o amor. “Ora, evidentemente, o princípio que substitui o *Cosmos* dos antigos, o Deus judaico-cristão, bem como o *cogito* racionalista de Descartes e das Luzes, é o amor entre humanos com suas variações em termos de amizade e fraternidade” (FERRY, 2012, p. 10). Do humanismo das luzes se avançou para um outro

humanismo, na exigência de uma superação, já que aquele não deu frutos, diga-se, louváveis. O machismo, o colonialismo, o neocolonialismo, a escravidão de conteúdo racista, o genocídio dos povos indígenas das Américas, a destruição ambiental, a Corrida para o Oeste, os 6 milhões de judeus mortos em Campos de Trabalho e Concentração nazista, as bombas de Hiroshima e Nagasaki, a bipolarização do mundo e o colapso nuclear como o fim da História, nenhum desses eventos, e são apenas alguns, são dignos de defesa e louvor. Por isso, Luc Ferry busca uma espiritualidade laica porque concorda com o processo de desconstrução, que não foi trivial, mas serve de substrato para se pensar outros modos de conceber o sagrado como um humanismo pós-colonial e pós-metafísico.

[...] esse humanismo não é mais o de Voltaire ou de Kant, dos direitos do homem ou da razão, não é mais o humanismo do século XVIII, que certamente foi portador de um vasto projeto de emancipação, mas que também levou ao imperialismo e à colonização. É, ao contrário, um humanismo pós-colonial e pós-metafísico, um humanismo da transcendência do outro e do amor, e são necessárias novas categorias filosóficas para pensá-lo, categorias que não pertencem mais à metafísica clássica, categorias que supõem que se pense depois do que Nietzsche chamava de “crepúsculo dos ídolos”, para além de qualquer ideia de volta às antigas visões de mundo. Da mesma forma que não é mais possível hoje pintar ou compor como se Picasso e Schönberg não tivessem existido, é impossível pensar como antes, depois de Nietzsche, Freud e Heidegger. A crítica da metafísica teve lugar, assim como a do imperialismo e a do colonialismo, e precisamos examinar suas consequências para pensar a época que definitivamente não é mais a das Luzes (FERRY, 2012, p. 10).

A era da desconstrução pode ser demarcada no século XIX com a aparição dos boêmios. Uma literatura anterior já indicava essa rebeldia como fenômeno político, artístico, comportamental. Mas são as vanguardas francesas que dão o ponta pé inicial no sentido de colocar em dúvida alguns alicerces. Esses artistas, beberrões, questionadores, esfarrapados, ultrajavam a burguesia com sua pretensão a marginalidade, apesar de sua origem burguesa. Seria uma versão novecentista de Maio de 1968. Jovens, cheios de uma novidade que brota de si como a irromper no mundo para transformá-lo com sua poesia e irreverência.

E para avançar na compreensão, sugiro partir da ideia de que o gigantesco empreendimento da desconstrução, que ganha impulso na alta cultura da vanguarda, hoje canonizada pelos museus, mas na época odiada pelos “burgueses”, começa em meados do século XIX com a invenção de um novo ideal existencial: o da “vida de boemia” (FERRY, 2012, p. 15).

Enquanto nos anos 1960 a poesia e o rock, as roupas coloridas, a maconha e o LSD, o amor livre, serviam de escândalo, no dezenove, a poesia, a pintura, a *arte pela arte*, o *mal do século*, repercutiam um certo *mal-estar da civilização*. Tidos como vagabundos, desocupados, passavam os dias contemplando a beleza do sol, escrevendo poesias, pintando e bebendo. Para

uma sociedade industrial, um absurdo indefensável, mesmo se este jovem for um filho de industrial.

Se não visam nem o dinheiro nem o sucesso social é porque querem ser definitivamente marginais, no sentido próprio do termo: como todos os autênticos desconstrutores, eles pretendem habitar as ‘margens’ do ‘sistema’, e não suas vias principais ou os transportes em comum, cheios demais para eles (FERRY, 2012, p. 16).

Mas esses meninos rebeldes, apesar da impostura social, digamos que não viriam a ser a maior das ameaças ao sistema. No fundo, como a geração de 1968, eles queriam se divertir, nada mais justo quando se tem apenas uma vida. Mais perigoso foi Nietzsche que a golpes de martelo trabalhou incansavelmente para destruir todos os grandes alicerces.

Cabe demonstrar, para completar e chegar ao fundo desse gigantesco movimento do século, que, embora a capital da desconstrução seja Paris, é na Alemanha que nasce seu principal pensador, Nietzsche, o inventor da “filosofia do martelo”, cujo primeiro objetivo é “destruir os ídolos” da tradição metafísica e religiosa” (FERRY, 2012, p. 17).

A liberdade, maior bandeira dos boêmios, a constatação de que a vida não pode ser jogada fora, pois só temos uma. O fazer o que bem entender, se vestir como quiser, viajar como a expandir a mente, conhecer novas culturas. Não se submeter as amarras do trabalho, um trabalho sem valor tanto para o trabalhador que é superexplorado quanto para o próprio burguês, porque dedica-se a uma vida de enriquecimento para ao fim, morrer como todos os outros. Todos esses arrabaldes da liberdade, aparentemente, uma novidade para um mundo melhor, não combateu o capitalismo, muito mais, o incentivou e turbinou suas ideias. Todos estes ideais são mercadorias que o mercado produz e, o mais curioso, se se deve estar aberto a novas experiências como a sentir a imensidão do mundo, nunca se prendendo a isto ou aquilo, então o boêmio estava pronto para descartar um utensílio de valor agregado aqui e adquirir outro ali.

De fato, estou certo de que a primeira chave do século XX, a que abre mais portas e dele nos oferece a mais penetrante compreensão, reside no seguinte: os boêmios — apesar de sua aparente oposição aos burgueses, apesar também, inversamente, do ódio ou do desprezo com que estes vão contemplá-los — foram essencialmente o braço armado da expansão do capitalismo globalizado, o instrumento da realização perfeita do que finalmente se chamará de “sociedade de consumo”. Em outras palavras, os boêmios, longe de destruir o universo dos filisteus, longe de inventar uma ordem nova no plano cultural, econômico e político, de fato serviram como ninguém mais ao impulso, à expansão e à prosperidade daqueles que tentavam contestar (FERRY, 2012, p. 17).

O que Jesus ensinou com a sua prática evangélica é que vale a pena morrer por uma ideia, mas ela não é uma ideia abstrata, inacessível, como a república, o socialismo ou a razão. Vale a pena o sacrifício pelos humanos de carne e osso, reais e efetivos. O sacrifício de amor depois da desconstrução. Daí a importância do combate ao cristianismo, talvez o que mais o cristianismo demande é um pouco de ateísmo, para perceber que o exemplo do crucificado é completamente gratuito, sendo todas essas guerras de religião, esses *fluxicos* de missas e cultos, para parecer-se melhor por causa dos pecados do outro, sendo que estamos todos no mesmo barco, todo esse cerimonialismo ritual, não passam de besteiras diante do significado maior da cruz: o amor. Por outro lado, o ateísmo, bem feito e formulado, não deixa de ser cristão, porque declaradamente usa dos recursos discursivos do cristianismo conscientemente ou não; quando é militante o ateísmo faz o que os católicos fizeram muito bem pela catequese; quando é mais *soft* acaba elencando conceitos de sua crítica que são dos crentes numa relação de oposição em que ser ateu só se efetiva na medida em que Deus se presentifica como oposição substancializadora de si. Parece que os ateus existem, não porque Deus não existe, mas porque existe e precisa ser combatido como inimigo de sua não crença.

Os únicos seres pelos quais agora estaríamos dispostos a arriscar nossa existência, se absolutamente necessário, são primordialmente os seres humanos, não mais os ideais políticos ou religiosos, mas seres de carne e osso, a começar, é claro, por aqueles que amamos, por aqueles que são, por assim dizer, transfigurados e em seguida “sacralizados” pelo amor (FERRY, 2012, p. 07).

É após a grande marcha desconstrutora, que diante aos escombros de um século XX e XXI, pós Auchwitz, pós-Hiroshima e pós-Maio de 1968, que se é possível uma reviravolta criativa diante do pessimismo mais genuíno. A destruição dos imensos edifícios morais ocidentais serviu para fazer enxergar que o amor como prática cotidiana, ainda é um ídolo o qual vale a pena se agarrar, como uma alternativa a uma experiência com o sagrado. Uma via de acesso ao sagrado sem a abstração dos deuses ou a contundência grandiloquente dos signos maiores do ocidente moderno. Sponville não persegue um caminho diferente.

4.2 AS CONTRIBUIÇÕES DE SPONVILLE

O amor serve como medida tanto para os crentes quanto para os ateus. Sua natureza humana como condição inicial do agir e do sentir parece estabelecer o bom prosseguimento das sociedades humanas. Pois o amor impede que o mal exerça o seu poder desenfreadamente. Todavia, o amor como uma prática de vida não é atributo de todas as pessoas, porque não foram

educadas para isto, não utilizando de suas prerrogativas para avaliar o certo e o errado. Diante de uma humanidade sem amor, ou oscilante entre o amor e o ódio, que se inventa a moral como recurso normativo capaz de exercer sobre os indivíduos uma ação que seria desnecessária na presença plena do amor. A moral como substituto do amor engendra uma espécie de coerção necessária, em termos ideológicos, para conter o estado de barbárie.

Solo necesitamos la moral cuando el amor falta; ésta es la razón por la que la necesitamos tanto, para actuar de acuerdo com este ideal que hay en nosotros (el amor) que no se ordena pero que ordena. Se trata de imitar, en nuestros actos, el amor que debería guiarlos o que de hecho los guía, pero como ideal y no como sentimiento real. La moral es una apariencia de amor [...] (SPONVILLE, 2012, p. 13).¹

Uma sociedade fundada sobre os alicerces do amor não necessitaria de uma moral, menos ainda de leis, para impor uma ordem. Porém, os sujeitos diversos em suas singularidades estão dispostos a qualquer coisa na defesa de seu ego. Deflacionar o ego é uma estratégia de manutenção do indivíduo pelo acolhimento do outro como objeto de amor. Entretanto, a coexistência do eu com o outro pode ser apenas estratégica ou tática, sendo o amor mera trivialidade neste jogo. É isto, não matamos, porque a este ato hediondo caberá punição dolosa. Logo, o manejo tático da questão é usar de todos os recursos possíveis para se conseguir o intento, menos matar. Ora, seria doloroso demais concluir que é, apenas por isto que não se mata. No fundo, antes da lei moral, há um substrato, o amor, que gera seus substitutos. O assassino sabe que o seu crime é o mais bárbaro de todos os crimes bárbaros, porque denuncia ao mundo a sua ausência total de amor, algo absurdamente escandaloso. “*Cuando amamos, casi se podría decir que no tenemos que preocuparnos por la moral: ya no hay obligación, ya no hay deber, ya no hay ‘coerción’, como afirma Kant; el amor es suficiente y es lo mejor*” (SPONVILLE, 2012, p. 14).² Numa sociedade profundamente cristã como a ocidental, apesar de muitas das religiões ditas cristãs terem matado em nome de seu ideal, matar é o absurdo oposto mais cruel aos ensinamentos do crucificado. Mesmo o homicida, não deve ser objeto do ódio e da vingança, ao contrário, tem que ser amparado exclusivamente pelo mais vivaz amor.

¹ Só precisamos de moralidade quando falta o amor; é por isso que precisamos tanto, agir de acordo com esse ideal que está em nós (o amor) que não é ordenado, mas que ordena. Trata-se de imitar, em nossas ações, o amor que deve guiá-los ou de fato os orienta, mas como ideal e não como sentimento real. A moralidade é uma aparência de amor [...]

² Quando amamos, quase se poderia dizer que não temos que nos preocupar com a moralidade: não há mais obrigação, não há mais dever, não há mais 'coerção', como afirma Kant; o amor é suficiente e é o melhor.

Como isto é muito difícil a nós, humanos típicos, se precisa de uma moral como instrumento capaz de fazer o amor atuar, mesmo quando nos é impossível por causa da cegueira da vingança.

Es el espíritu de Cristo; es el espíritu del amor, con o sin Dios, y es un espíritu de libertad: cuando el amor es más fuerte que el ego, ya no hay que preocuparse de la moral, ni del deber, ni de la obligación; ya solo hay que actuar por amor, y eso basta (SPONVILLE, 2012, p. 14).³

O amor de Cristo ou o amor que o homem consegue professar, porque o faz naturalmente ou inspirado por sua religião ou moral, não é uma bobagem leviana, mas uma estratégia dos humanos em garantir uma maior transmissibilidade de seus genes. Evitar as guerras perpétuas, alimentar e proteger os filhos, assim como a mãe procriadora, fazer a caridade cuidando dos famintos, acolhendo os afortunados de todas as espécies, é, inegavelmente, uma solução comportamental, eficiente na evolução dos humanos. Os mamíferos até conseguem desenvolver alguns comportamentos afetivos interessantes a sua evolução, categorizáveis, diria até como amor, porém são incapazes de criar sistemas morais, religiosos ou penais para suprir a falta de um ingrediente preponderante na manutenção da espécie.

Y lo mismo ocurre con la moral: un grupo humano cuyos miembros imponen algunas reglas, al menos en el interior del grupo, al reino ciego del egoísmo y de la violencia tendrá más posibilidades de transmitir sus genes, y por tanto de crecer y de desarrollarse (SPONVILLE, 2012, p. 15).⁴

Neste sentido, Sponville hierarquiza os conceitos. Amor como pedra angular da boa vida. A moral como recurso a sua ausência. A lei e a educação como hologramas da moral. “*La moral imita al amor cuando éste falta. La educación y el derecho imitan a la moral, cuando ésta falta o no es suficiente*” (SPONVILLE, 2012, p. 17).⁵ Viver o amor é tão difícil, que Deus, segundo o cristianismo, teve que se fazer homem para exercer o evangelho do amor. Mesmo os cristãos não são os mais amorosos, muito pelo contrário. O poder papal não construiu-se por milagre, mas pela guerra, perseguição e assassinato. Jesus falou de amor e quando se fala de um outro, como o homossexual, a este cristão, o amor como entrega gratuita esfarela-se em julgamento e condenações, como se este pecador pudesse assumir a posição de Deus

³ É o espírito de Cristo; é o espírito de amor, com ou sem Deus, e é um espírito de liberdade: quando o amor é mais forte que o ego, não há mais necessidade de se preocupar com a moral, nem com o dever, nem com a obrigação; Agora você só tem que agir por amor, e isso é o suficiente.

⁴ E a mesma coisa acontece com a moral: um grupo humano cujos membros impõem algumas regras, pelo menos dentro do grupo, ao reino cego do egoísmo e da violência terá mais possibilidades de transmitir seus genes e, portanto, de crescer e se desenvolver.

⁵ A moralidade imita o amor quando falta. A educação e o direito imitam a moral, quando falta ou é insuficiente.

plenipotente porque lê a Bíblia e, portanto, tem fundamentos para condenar. Ora, diante desta quase impossibilidade do amor, que se edificam as leis e se educa as crianças, para informar ao cidadão, que pouco importa quais são suas crenças e atitudes em relação ao amor, mas que o descumprimento da lei penal incorrerá em punição, além de ser de bom tom a educação, tanto em termos de etiqueta e bons modos, quanto em termos éticos.

Porque es evidente que el derecho y la buena educación nunca han salvado a nadie. En mi lenguaje de ateo, diría: la sociedad, vista desde fuera, sería prácticamente perfecta; ¡pero la vida no tendría ningún valor, ningún sabor, ni ningún sentido! Porque no son el derecho y la educación los que dan sabor, sentido o valor a la vida. [...] Pero es muy difícil amar; es muy difícil ser valiente, generoso o justo; y es fácil ser al menos educado (SPONVILLE, 2012, p. 18).⁶

Sendo a moral, o direito e a educação imitações de um alicerce anterior mais delicado e difícil ao homem, observa-se, assim, que o tempo todo o homem ocidental está fingindo ser alguma coisa por conveniência social. Enquanto assume seus semblantes e a hipocrisia reina absoluta no império dos amansados e obedientes, a sociedade e os indivíduos seguem atuando na sua marcha do progresso. Entretanto, em algum momento, as máscaras deste *socius* polido, caem por terra e das duas, uma: ou o amor vem a tona como pleno exercício ético ou a barbárie apresenta sua cara nefasta. Sem fingimento, a realidade anuncia-se crua demais, como polos antagônicos do ideal de santidade, de um lado, e da morte cruel do outro lado.

En este punto nos planteamos una pregunta: «Si la moral es una apariencia de amor (actuar moralmente es actuar como si amáramos), y si el derecho y la educación son una apariencia de la moral (ser educado u honesto, en el sentido jurídico del término, es actuar como si fuésemos virtuosos), ¿cuándo dejamos de fingir? ¿Cuándo dejamos de hacer como si?». La respuesta es doble: dejamos de fingir por arriba, cuando actuamos verdaderamente por amor, lo que llamo nuestros momentos de santidad; o por abajo, cuando renunciamos también al derecho y a la educación, lo que llamo nuestros momentos de barbarie (SPONVILLE, 2012, p. 19).⁷

De qualquer modo, o amor é fundamento para o desenvolvimento de questões morais e éticas de profícua relevância para a sociedade. É assunto das religiões ou, pelo menos, do

⁶ Porque é claro que a lei e a boa educação nunca salvaram ninguém. Na minha linguagem ateuista, eu diria: a sociedade, vista de fora, seria praticamente perfeita; mas a vida não teria valor, nem sabor, nem sentido! Porque não é a lei e a educação que dão sabor, sentido ou valor à vida. [...] Mas é muito difícil amar; é muito difícil ser corajoso, generoso ou justo; e é fácil ser pelo menos educado.

⁷ A essa altura nos perguntamos: "Se a moral é uma aparência de amor (agir moralmente é agir como se amássemos), e se o direito e a educação são uma aparência de moral (ser educado ou honesto, no sentido jurídico do termo, é agir como se fôssemos virtuosos), quando deixamos de fingir? Quando paramos de fingir? A resposta é dupla: deixamos de fingir por cima, quando agimos verdadeiramente por amor, o que chamo de nossos momentos de santidade; ou de baixo, quando também renunciamos ao direito e à educação, o que chamo de nossos momentos de barbárie.

cristianismo como principal produto cultural, formador do ocidente. É ainda tema de poetas. Constitui-se experiências de casamento, de fraternidade. É sexual e não sexual. Da análise proveniente do grego, a palavra amor pode se ramificar em três outras: *eros*, *philia* e *ágape*. Em se tratando do amor, todos concordam sobre uma dimensão grandiosa e magnificente. A minha suspeita é se Feuerbach⁸, Ferry e Sponville restauram o amor como uma espécie de misticismo ateu, ou se, de tão contaminados, não conseguem desvincular seu ateísmo, ou sua filosofia ateia, dos conceitos mais caros do cristianismo. Até aqui, tais autores não ofereceram uma oposição intransigente ao seu inimigo mais próximo, o cristianismo, dialogam bem, inclusive. Neste sentido, Sponville pretenderá construir filosoficamente os conceitos gregos de amor até a formulação do amor cristão. Acompanhemos.

Así pues, con el ánimo de encontrar la distancia adecuada me acostumbré, para hablar de amor, si ya no a hablar griego, cosa de la que desgraciadamente soy incapaz, sí al menos a utilizar las tres palabras que usaban los Antiguos para designar tres tipos diferentes de amor. [...] es el eros. [...] es la philia. [...] es el ágape (SPONVILLE, 2012, p. 20).⁹

A primeira forma do amor, *eros*, é a que costumeiramente se usa, tanto as pessoas comuns, quanto os poetas e romancistas. Eros como paixão amorosa, amor pelo outro, não exatamente como sexo, mas como ato de amar alguém. *O Banquete* de Platão servirá de texto principal para a análise de Sponville sobre essa noção de amor. Na conversa animada sobre o tema, Aristófanos apresenta primeiro a sua noção de *eros*, mostrando um amor idealizado, grande, uma paixão arrebatadora, portadora de um *telos* definitivo, a felicidade como produto final. Tal imagem não difere *in toto* das intenções de nossos desejos e, portanto, não é por acaso que essa miragem de final de novela das oito será deveras explorada tanto pelo entretenimento puro, quanto por escritores o mais qualificados. Na medida que este amor encontra-se na ordem do dia de uma *História das Mentalidades*, o casamento como grande evento dessa finalidade não se constrói isento deste desejo mais contundente.

⁸ Ver FEUERBACH, Ludwig. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2007.; FEUERBACH, Ludwig. *Preleções sobre a essência da religião*. Campinas: Papyrus, 1989.; FEUERBACH, Ludwig. *Princípios da Filosofia do Futuro*. Lisboa: edições 70, 2002.

⁹ Assim, com o objetivo de encontrar a distância certa, acostumei-me a falar de amor, senão a falar grego, do qual infelizmente sou incapaz, pelo menos a usar as três palavras que os antigos usavam para designar três tipos de amor diferente de amor [...] é o eros. [...] é a filia. [...] é o ágape.

Aristófanes describe el amor tal como nos gustaría que fuera: el amor tal como lo soñamos, el gran amor, «el amor con A mayúscula», como decimos a los dieciséis años; y como ese amor concuerda con nuestros deseos, y con nuestras ilusiones, no nos cuesta recordarlo (SPONVILLE, 2012, p. 24).¹⁰

Assim, *eros* é o amor de um casal, de um homem por uma mulher, por exemplo. Que poderá desembocar numa união mais vigorosa que gerará prole, bens econômicos, uma vida conjunta.

Eros, para los antiguos griegos, no se refiere, al menos no de entrada ni principalmente, al sexo sino al amor. Así lo sugiere la mitología: Eros no es el dios de la sexualidad (que está mejor simbolizada por Priapo o Afrodita), sino el dios de la pasión amorosa. Y así lo confirma el uso lingüístico: eros, en griego, es en primer lugar un nombre común que significa “amor” (SPONVILLE, 2012, p. 22).¹¹

O argumento de Aristófanes é bem popular e conhecido. Supunha ele que em algum momento homem e mulher eram um e tinham os dois sexos. O Mito da Androgenia tenta aglutinar o todo numa unidade, sendo esse tempo da humanidade a época em que nada faltava e, por isso, a felicidade reinava. “*En aquel tiempo, explica Aristófanes, la humanidad no era en absoluto como hoy vemos que es. Cada hombre y cada mujer eran dobles, y sin embargo formaban una unidad perfecta*” (SPONVILLE, 2012, p. 24).¹² Entretanto, a unidade foi rompida e uma dualidade se fez. Agora, não mais completos, procuramos a vida toda encontrar alguma coisa que preencha essa lacuna. Uma metade que se encaixa perfeitamente a nós. Essa metade perdida quando encontrada constitui-se *eros*, que no bojo do encontro oportuniza a felicidade como uma harmonia, plenificação de si como um todo reestabelecido.

Me salto los detalles para destacar lo más importante: desde esa escisión originaria, que nos hizo pasar de la unidad a la dualidad, de la completud a la incompletud, buscamos sin descanso la mitad que nos falta [...]. Y cuando un día la encuentro, ¡qué alegría, qué entusiasmo, qué felicidad! ¡No hay nada más conmovedor para cualquiera de nosotros que reconstituir la unidad originaria perdida, que reunir las dos partes de «nuestra antigua naturaleza» (SPONVILLE, 2012, p. 25).¹³

¹⁰ Aristófanes descreve o amor como gostaríamos que fosse: amor como o sonhamos, grande amor, "amor com A maiúsculo", como dizemos aos dezesseis anos; e como esse amor está de acordo com nossos desejos e com nossas ilusões, não é difícil para nós lembrá-lo.

¹¹ Eros, para os gregos antigos, não se refere, pelo menos não inicialmente ou principalmente, ao sexo, mas ao amor. Assim, a mitologia sugere: Eros não é o deus da sexualidade (que é melhor simbolizado por Priapo ou Afrodite), mas o deus do amor apaixonado. E isso é confirmado pelo uso linguístico: eros, em grego, é antes de tudo um nome comum que significa "amor".

¹² Naquela época, explica Aristófanes, a humanidade não era nada do que vemos hoje. Cada homem e cada mulher eram duplos e, no entanto, formavam uma unidade perfeita.

¹³ Salto os detalhes para destacar o mais importante: dessa cisão original, que nos fez passar da unidade à dualidade, da completude à incompletude, buscamos incansavelmente a metade que nos falta.[...]. E quando um dia a encontrar, que alegria, que entusiasmo, que felicidade! Não há nada mais comovente para qualquer um de nós do que reconstituir a unidade original perdida, do que reunir as duas partes de "nossa velha natureza"!

Sócrates vem depois, como é comum nos diálogos platônicos, com uma palavra mais definitiva, como o perguntador que detém a resposta numa aparência de preocupar-se muito mais com as perguntas, mas com discreto incômodo, senão não evidenciam-se as respostas. A pergunta, no seu ser, garante uma explicação, induz um raciocínio, provoca o encontro com a verdade, pois o mestre, do alto de sua sabedoria pode dispor-se, ao indagar, esboçar o terreno mais seguro. Para Sócrates, amor é o que falta. *“Solo amamos aquello que deseamos; solo deseamos aquello que nos falta”* (SPONVILLE, 2012, p. 31).¹⁴ Com isto o mestre já supõe que o interlocutor não entendeu e que seu argumento é falho sendo impossível que os dois argumentos fossem verdadeiros. *“En pocas palabras, que Aristófanes no había entendido nada: el amor no es completud, sino incompletud; no es fusión, sino búsqueda; no es perfección plenamente satisfactoria, sino pobreza devoradora”* (SPONVILLE, 2012, p. 31).¹⁵ De qualquer modo o Mito da Androgenia é insuficiente para dar conta de *eros*. Pois, este outro desgarrado de nós, ao se juntar, efetivamente, não garante uma paz reconfortante. Muitos dos amores se acabam, divórcios acontecem, e o amor se torna ódio. Isto ocorre com mais frequência que a formação de uma unidade inquebrantável pelo casamento, segundo Sócrates porque o amor é produto do desejo, que nunca se satisfaz. Deseja-se o que não se tem, tendo-se o objeto desejado, ele deixa de ser desejado. Neste sentido, a felicidade é sempre alguma coisa que está mais a frente, que nunca alcançamos, porque ao ter o que desejamos perdemos o desejo por aquele objeto, sendo frustrada toda a intenção desejante.

Si el deseo es falta, yo no deseo, por definición, más que aquello que no tengo; y si no deseo lo que no tengo, nunca tengo, por definición, aquello que deseo. Por consiguiente, nunca soy feliz (pues ser feliz es tener lo que deseo). Si el deseo es falta, la felicidad siempre falta (SPONVILLE, 2012, p. 32).¹⁶

O pessimismo de Schopenhauer explora bem este problema. Enquanto desejamos, sofremos, e quando temos o objeto de desejo, sucumbimos no tédio. Entediados, desejamos de novo, para de novo frustrarmo-nos numa marcha infinita até o túmulo e o fim do desejo e do tédio. Considero importante salientar que a proposição schopenhaueriana acerta decisivamente sobre a angústia deste existir, mas não é só isto. Esse oscilar entre o sofrimento e o tédio estimulou o homem a construir tudo isto que são as civilizações. E todo este trabalho não foi

¹⁴ Nós só amamos o que queremos; Só queremos o que nos falta.

¹⁵ Em suma, que Aristófanes não havia entendido nada: o amor não é completude, mas incompletude; não é fusão, mas busca; não satisfaz plenamente a perfeição, mas devora a pobreza.

¹⁶ Se o desejo é falta, não desejo, por definição, mais do que não tenho; e se não quero o que não tenho, nunca tenho, por definição, o que quero. Portanto, nunca sou feliz (porque ser feliz é ter o que quero). Se falta o desejo, sempre falta a felicidade.

sofrido, sem alegria, sem leveza. Os cientistas amam o que fazem, os engenheiros também, os professores idem, e quando alcançam o seu objeto se frustram, porém, é o caminho percorrido como desejo puro que faz deste agora da ação para o objeto desejado a fonte das mais incríveis alegrias. O atleta sabe que o seu objetivo é a medalha de ouro no maior evento esportivo do mundo, as olimpíadas, muitos deles conseguem, mas para este atleta de alto rendimento, a medalha no peito é mais uma exposição social do seu esforço do que a felicidade arrebatadora propriamente dita. No dia a dia dos treinos que ele sentia no corpo a vontade do campeão, todos os dias, por anos seguidos, se anulando, perseverando, desejando, sentindo a sua força crescer na medida que o desejo se efetivava pouco a pouco. Talvez a primeira medalha tenha sido a mais valiosa!

Decía antes que Schopenhauer resume lo esencial en una frase, que para mí es la más triste de toda la historia de la filosofía. Es ésta: “La vida oscila, pues, como un péndulo entre el sufrimiento y el tedio” (SCHOPENHAUER, 2010, p. 359). Sufrimiento cuando deseo lo que no tengo, porque sufro por esa falta; tedio porque tengo lo que entonces ya no deseo. (SPONVILLE, 2012, p. 36).¹⁷

A vida oscila entre o sofrimento e o tédio, o trabalho da maior parte das pessoas nesta economia capitalista altamente predatória é pouco enriquecedor para o trabalhador, e fomos devidamente adestrados a tamponar a falta com essas felicidades veniais que o mercado nos vende. Outrossim, o trabalho pode ser divertido pra muita gente, o atleta por exemplo, ou o professor.

De lo que Platón tampoco habla demasiado es de que existen algunos trabajadores felices (incluso entre los profesores agregados); ésta también es para mí una buena razón para amar el trabajo, cuando hace feliz, y para no ser platónico (SPONVILLE, 2012, p. 38).¹⁸

Que amamos o que não temos, mas muitos casamentos precisam seguir em frente e os casais inventam formas de serem felizes, apesar da rotina, da mesmice, da monotonia. Insistir num relacionamento que nada falta, sem torná-lo tóxico, é uma prova de amor. Hoje em dia se divorcia muito mais. Antes se divorciava muito menos e a mulher se submetia demais. Entre o ontem e o hoje há uma relação de desejo e objeto alcançado, mais consistente nos

¹⁷ Eu disse antes que Schopenhauer resume o essencial em uma frase, que para mim é a mais triste de toda a história da filosofia. É isto: “A vida oscila, então, como um pêndulo entre o sofrimento e o tédio” Sofrer quando quero o que não tenho, porque sofro dessa falta; tédio porque tenho o que então não quero mais.

¹⁸ O que Platão também não fala muito é que existem alguns trabalhadores felizes (mesmo entre os professores adjuntos); isso também é para mim um bom motivo para amar o trabalho, quando te faz feliz, e não para ser platônico.

relacionamentos de modo a se fazer o mais fácil: amar o que falta e depois descartar. “*Amar a aquel o aquella que no está es fácil. Amar a aquel o aquella que está, con el que se comparte la vida, aquel o aquella que no falta, ¿resulta mucho más complicado!*” (SPONVILLE, 2012, p. 37).¹⁹ Ora, este amor da vida conjugal, não mais dos jovens enamorados, distingue-se numa outra formulação que os gregos denominaram *philia*. “*¿Cómo es posible echar en falta al hombre o a la mujer que comparte su vida, que está ahí, que se entrega, que no falta? El amor conyugal, en griego no se llama eros, sino philia*” (SPONVILLE, 2012, p.44).²⁰ O amor como *eros*, assim como o amor conjugal esbarram sempre numa dificuldade que é a felicidade distante, algo que acontece com os outros. Amor e felicidade entrelaçam-se numa necessidade, “*no existe un amor feliz, ni tampoco hay felicidad sin amor*” (SPONVILLE, 2012, p. 38).²¹, de modo que sem idealizações ou projeções para um futuro, é possível conviver em plenitude com o outro. Se ama este outro porque ele existe, porque é prazeroso e extraordinário compartilhar a existência com ele. Utilizando-se de Spinoza, Sponville fala da alegria de desfrutar a potência dessa existência.

Pensé entonces que esa mujer madura y en su plenitud, que me confesaba que hacía el amor con su mejor amigo y que sentía deseo, placer y alegría al hacerlo, había dicho algo muy profundo, muy fuerte, y dicho sea de paso, bastante perturbador desde un punto de vista erótico, sobre qué es la verdadera vida afectiva de las parejas. Una pareja feliz no es una pareja en la que falta aquel con el que vivimos, eso sería contradictorio, es una pareja en la que ambos sienten deseo por el otro, en la que sienten placer al hacer el amor juntos (su potencia para disfrutar se ve en cierto modo incrementada por la experiencia que tienen de ello), en la que cada uno se alegra de la existencia del otro, del amor del otro por él, y por último por la alegría que hallan juntos, aunque haya días mejores que otros, alegría por habitar el mismo lugar, por vivir el mismo presente, y la misma intimidad sin igual (SPONVILLE, 2012, p.53).²²

Por fim, o amor de Jesus como outra categoria difícil de sintetizar numa palavra grega. É significativo indicar que as Bíblias foram traduzidas para o grego já que era uma língua mais falada que o hebraico. Daí a dificuldade de encontrar uma expressão para designar o amor de

¹⁹ Amar aquele ou aquele que não é é fácil. Amar aquele que está ali, com quem a vida é compartilhada, aquele que não falta, é muito mais complicado!

²⁰ Como é possível sentir falta do homem ou da mulher que compartilha sua vida, que está lá, que se dá, que não falta? Amor conjugal, em grego não se chama eros, mas philia.

²¹ não há um amor feliz, nem há felicidade sem amor

²² Pensei então que essa mulher madura em sua plenitude, que me confessou que estava fazendo amor com sua melhor amiga e que sentia desejo, prazer e alegria ao fazê-lo, havia dito algo muito profundo, muito forte, e, pelo maneira, bastante perturbadora, do ponto de vista erótico, sobre qual é a verdadeira vida afetiva dos casais. Um casal feliz não é um casal em que falta aquele com quem convivemos, isso seria contraditório, é um casal em que ambos sentem desejo um pelo outro, em que sentem prazer em fazer amor juntos (seu poder de gozo é um pouco aumentada pela experiência que eles têm), em que cada um se alegra com a existência do outro, com o amor do outro por ele e, finalmente, com a alegria que encontram juntos, mesmo que haja dias melhores que outros, alegria por habitar o mesmo lugar, por viver o mesmo presente, e a mesma intimidade sem igual.

Cristo como uma completa entrega, sem exigir absolutamente nada em troca. Enquanto no amor conjugal a potência de um ajuda a crescer a potência do outro, no amor de caridade, ágape, um reduz-se enquanto potência para que outros possam desenvolver a sua potência. “¿Qué es el amor de caridad? Es un amor que renuncia a ejercer al máximo su potencia [...]” (SPONVILLE, 2012, p. 65).²³ Em minha Dissertação de Mestrado²⁴ examino o problema colocado por Stegmaier de se o tipo Jesus seria completamente desprovido de vontade de poder, o que coaduna-se a elaboração de um amor que recusa-se a expandir o seu poder sob a prerrogativa de um esvaziamento de si para deixar espaço para ser ocupado.

Acepta existir menos para que ellos puedan existir mejor. Y ese momento en el que vuelve a bajar la escalera sin hacer ruido, ese momento en que, por amor, ha renunciado a afirmar al máximo su poder, ese momento de dulzura amorosa es, para Simone Weil, un momento de caridad (SPONVILLE, 2012, p. 66).²⁵

Ora, isto também levanta a hipótese dos motivos pelos quais uma palavra em grego inexistiria para abarcar a dimensão extraordinária do crucificado, pois a cultura grega não vislumbrava uma redução de poder, seja porque motivo for, o guerreiro na sua existência heroica buscava sempre expandir a sua força e submeter os fracos. A prática crística é estranha a compreensão de mundo helênica.

Así que los primeros cristianos tuvieron no tanto que crear un neologismo (el sustantivo ágape ya aparecía en la traducción al griego de la Biblia hebraica, la Septuaginta), como hacerse con una palabra muy rara, casi inexistente en la lengua profana (aunque procede de un verbo bastante frecuente, agapan, «amar, querer»), para designar ese amor que profesaba Jesús, un amor más singular si cabe, pues pretendía ser universal (SPONVILLE, 2012, p. 63).²⁶

Deus é toda a potência, portanto a impossibilidade absoluta de outra potência. Para que outra força possa atuar há a necessidade que a plena potência abdique de ser potência. Se esta força não reduzir sua intensidade o universo não seria criado por falta de espaço para exercer o seu poder. Deus, assim, rebaixa-se a uma potência de segunda ordem para que o universo e a

²³ O que é amor de caridade? É um amor que renuncia a exercer seu poder ao máximo [...]

²⁴ Ver BARBOSA, W. *O Idiota de Jesus: a hipótese literária e a hipótese médica como indicativos de uma posição transvalorada em Nietzsche*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2020.

²⁵ Aceite existir menos para que possam existir melhor. E aquele momento em que ela desce silenciosamente as escadas novamente, aquele momento em que, por amor, ela desistiu de afirmar seu poder ao máximo, aquele momento de doçura amorosa é, para Simone Weil, um momento de caridade.

²⁶ Assim, os primeiros cristãos não tiveram tanto que criar um neologismo (o substantivo ágape já aparecia na tradução grega da Bíblia hebraica, a Septuaginta), como se apoderar de uma palavra raríssima, quase inexistente na língua profana (embora venha de um verbo bastante frequente, agapan, "amar, querer"), para designar aquele amor que Jesus professava, um amor mais singular se possível, pois pretendia ser universal.

vida consigam expandir-se.²⁷ “[...], si Dios hubiera querido afirmar su potencia, solo habría existido Dios y nada más. Para que Dios creara algo más que él mismo, Dios tiene que aceptar no serlo todo” (SPONVILLE, 2012, p. 66).²⁸ Há um esvaziamento de si mesmo. Deus se fez homem, assume a carcaça imunda de uma humanidade corrompida e amaldiçoada. E na sua forma humana, Deus assume a dor da vida humana, sem apelar a recursos extraordinários de sua plenipotência. Toda a potência, despotencializa-se por amor, pelo bem absoluto, mesmo ao praticante de todo o mal. Amor capaz do perdão incondicional, pois como vontade de poder descendente, reage, não como expansão que tende a destruir o outro, mas como resignada atitude de obediência, desprovida de poder.

6. Sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, 7.mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. 8.E, sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se ainda mais, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz (Fl 2:6-8)²⁹

O esforço da criação é promover uma dobra a partir da redução de poder de Deus. O duplo oriundo da unidade perfeita tem que ser um distinto, pois se for um igual não haveria criação. A fonte de todo Bom, a perfeição condensada no Ser enquanto tal, a harmonia, a paz, o absoluto, nada disso seriam dimensões da criação, porque quaisquer uma dessas coisas reproduziriam a perfeição de Deus. Por isso, o universo criado é uma dobra do incriado com

²⁷ “Isto ou aquilo me servem na medida em que forem úteis ao crescimento da força. Depois podem ser descartados porque são sempre categorias provisórias que não explicam o mundo, mas servem a vida. O tipo Jesus como desprovido de vontade de poder anarquiza as categorias morais gerando confusão no leitor educado no chicote da culpa. A posição do idiota de Jesus é transvalorada porque aniquilou todas as verdades, todos os abismos. Sua beatitude como condição da idiotia, ao mesmo tempo, que exalta, rebaixa, o idiota que é baixo se torna alto, Jesus que é alto se abaixa, Deus que é todo poderoso, a magnânima altura, rasteja junto ao completamente sem poder. Tudo que era certo reduziu-se a interpretação, mas a interpretação nem um pouco certa, quis os conceitos das concepções transcendentalistas. É como um incessante *looping*, o eterno retorno, em que as separações arbitrárias, cessaram, e tudo conectado a tudo, numa grande rede significante, acata todas as dimensões do possível, as nega, as reavalia, as retransmite, as esquece, inventa outras, tudo como profícuo estatuto de uma vontade de poder.” (BARBOSA, W. *O Idiota de Jesus: a hipótese literária e a hipótese médica como indicativos de uma posição transvalorada em Nietzsche*. Dissertação (Mestrado em Filosofia), Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, 2020, p. 159.)

²⁸ [...] se Deus quisesse afirmar seu poder, somente Deus teria existido e nada mais. Para Deus criar algo mais do que ele mesmo, Deus tem que aceitar que ele não é tudo.

²⁹ Fl 2:6-8 na BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013. Na tradução da Bíblia Pastoral, BÍBLIA. Português. *Nova Bíblia Pastoral*. Tradução de Frizzo, Scardelai, Kaefer, Prado, Bazaglia e Vasconcellos. São Paulo: Editora Paulus, 2014., lê-se: “Ele estava na forma de Deus, mas renunciou ao direito de ser tratado como Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo e tomou a forma de servo tornando-se semelhante aos homens. E encontrado na figura de homem, rebaixou-se a si mesmo, fazendo-se obediente à morte, e morte de cruz”. Na BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Santo André: Geográfica Editora, 2018., lê-se: “Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até a morte, e morte de cruz.”

sutilezas que desarrumam o real vivido numa profusão de dor, caos e sofrimento. A esperança cristã é retornar a esse manancial de perfeição.

[...]: si no existiera el mal en el mundo, el mundo sería perfecto; pero si el mundo fuera perfecto, el mundo sería Dios; y si el mundo fuera Dios, solo habría Dios y no habría mundo... [...]. Dios, por lo tanto, solo puede crear algo menos bueno que Él, menos bueno que el Bien (SPONVILLE, 2012, p. 67).³⁰

Todavia, esse mundo caótico, esse vale de lágrimas, pode ser apaziguado pela práxis do amor cristão. Inclusive se diz por aí que ajudar os outros faz bem, se doar como numa espécie de filantropia, não como autopromoção, mas como sincero dispor-se a amar, deixar de ser um pouco para permitir que o outro seja um pouco mais. “*[...]: se trata de aceptar existir un poco menos, para que el otro pueda existir un poco más*” (SPONVILLE, 2012, p. 69).³¹ O ego narcísico na sua petulância da afirmação de seu eu, encolhe-se numa redução de si, não porque esteja sendo chicoteado pelo superego ou cumpra inconscientemente as determinações do Id. O ego, voluntariamente, enfraquece seu narcisismo de autodefesa no intuito de permitir que o outro descubra seu ego narcísico e o experimente como potência. Isto é o amor ao próximo. Ao próximo mais perto, o que está na frente de nossa casa.

La caridad, si ésta existe, es un amor liberado del ego: un amor sin egoísmo, sin posesión, sin pertenencia, sin orilla. [...] d). El prójimo es cualquiera, en tanto que es alguien. La humanidad no es más que una abstracción. Incluso el “prójimo” también es una abstracción. Lo que tendríamos que amar, si fuéramos capaces de ello, es ese ser humano que está ahí, ante mí, sea quien sea, haga lo que haga, pero en la singularidad in sustituible de lo que es (no “el prójimo” sino este prójimo). (SPONVILLE, 2012, p.72).³²

Mas esse belo amor cristão não é capaz de vencer a morte, ou para os ateus, não se consegue afirmar qualquer coisa sobre isto. De modo que ágape não significaria nada de tão esplêndido, divino. Sponville, assim como Nietzsche o fez primeiro e melhor, colocou os fundamentos metafísicos entre parênteses no sentido de indagá-los para trazê-los à Terra. O amor, assim, é algo humano, imperfeito, profundamente egoico, que atua na sua expansão, pronto a eliminar os obstáculos que por ventura aparecerem. Mas não só...

³⁰ [...]: se não houvesse mal no mundo, o mundo seria perfeito; mas se o mundo fosse perfeito, o mundo seria Deus; e se o mundo fosse Deus, só haveria Deus e não haveria mundo...[...] . Deus, portanto, só pode criar algo menos bom que Ele, menos bom que o Bom.

³¹ [...]: trata-se de aceitar existir um pouco menos, para que o outro possa existir um pouco mais.

³² A caridade, se existe, é um amor liberto do ego: um amor sem egoísmo, sem posse, sem pertencimento, sem margem.[...] d). O vizinho é qualquer um, na medida em que é alguém. A humanidade é apenas uma abstração. Mesmo o "vizinho" também é uma abstração. O que teríamos de amar, se fôssemos capazes, é aquele ser humano que está ali, diante de mim, seja quem for, faça o que fizer, mas na singularidade insubstituível do que é (não "o próximo", mas este vizinho).

Si, a la inversa, piensan como yo que el amor no es todopoderoso, que solo existe el amor humano, o sea débil, frágil y limitado, y si piensan que el amor no es más fuerte que la muerte sino que, desgraciadamente, es menos fuerte que ésta, entonces el amor no es Dios, y forma parte de los ateos o de los agnósticos. [...] . Ser ateo, en el fondo, es eso: constatar que la muerte es más fuerte que el amor, sin inventar un antídoto para esa constatación (SPONVILLE, 2012, p. 77). 33

Assim, aceita a finitude da vida se pode amar, inclusive pela via do amor ágape, pois este nunca referiu-se a uma caridade de Deus, mas de Deus feito humano com suas vicissitudes humanas. Uma espiritualidade sem Deus ganha força quando deslocamos a experiência do sagrado, de uma dimensão transcendental e abstrata, para uma dimensão local, pessoal, cotidiana, factual. Neste sentido, a entrega apaixonada ao trabalho da caridade, de doar-se ao outro no sentido de fazê-lo se permitir sentir a potência de que é, constitui-se uma forma de espiritualidade sem Deus, profundamente estruturada em valores éticos humanos.

4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A desconstrução dos valores, como previa Nietzsche, não eliminou todos os valores, mas permitiu elevar novos valores. Valores antigos de uma teologia militante permaneceram, sendo ressignificados numa interpretação, que anula a necessidade Deus como seu orientador perpétuo. Ou seja, o amor como dimensão ética e espiritual fomentam uma experiência do sagrado sem a chancela de um todo poderoso abstrato. Uma espiritualidade laica ganha contornos de humanismo reduzindo a tensão entre teístas e ateístas, fazendo uso de algo conhecido por ambos: o amor.

REFERÊNCIAS

ALVAR, Jaime. Um Tratado Fracasado: La ateología como discurso del ateísmo cristiano. *In: Diálogos da história antiga*, v. 32 n. 2, 2006. p. 125-137.

BARBOSA, Wilmar do Valle; LOTT, Henrique Marques. “O religioso após a religião”: um debate entre Marcel Gauchet e Luc Ferry. *Horizonte*, Belo Horizonte, v. 8, n. 19, p. 71-100, out./dez. 2010 - ISSN:2175-5841.

COMTE-SPONVILLE, André. **Apresentação da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

³³ Se, por outro lado, você pensa como eu que o amor não é todo-poderoso, que só existe o amor humano, ou seja, fraco, frágil e limitado, e se você pensa que o amor não é mais forte que a morte, mas, infelizmente, é menos forte que isso, então o amor não é Deus, e faz parte dos ateus ou agnósticos.[...] . Ser ateu, no fundo, é isso mesmo: verificar que a morte é mais forte que o amor, sem inventar um antídoto para essa verificação.

FERREIRA, Douglas Willian. **Ágape e a liberdade**: os fundamentos da espiritualidade laica em Luc Ferry. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Programa de pós-graduação em Ciência da religião, 2016.

FERRY, Luc; JERPHAGNON, Lucien. **A Tentação do Cristianismo**: de seita a civilização. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

FERRY, Luc. **A revolução do amor**: por uma espiritualidade laica. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FERRY, Luc. **Aprender a viver**: filosofia para os novos tempos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 97.

MAIA, Antonio Gladenir Brasil; NICOLAU, Marcos Fábio Alexandre; OLIVEIRA Renato Almeida de. Luc Ferry e Gianni Vattimo: duas perspectivas filosóficas sobre o fenômeno religioso na contemporaneidade. **Argumentos**, ano 10, n. 19 - Fortaleza, jan./jun. 2018.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal**: Prelúdio a uma filosofia do Futuro. Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Aurora**: reflexões sobre os preconceitos morais. Editora Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com o martelo**. Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce homo**: como alguém se torna o que é. Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A Gaia Ciência**. Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral**: uma polêmica. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia de bolso, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo e ditirambos de Dionísio**. Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia no espírito da música**. São Paulo: Abril, 1978.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; SOUZA, Paulo César de. **A Gaia Ciência**. Companhia das Letras, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm; GIACÓIA, Oswald. **Fragments póstumos**. IFCH/UNICAMP, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Segunda Consideração Intempestiva**: Da utilidade e

desvantagem da história para a vida. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

ONFRAY, Michel. **Tratado de Ateologia**: física da metafísica. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SILVA, Marcos de Oliveira. **Por uma Autópsia do Sagrado**: O anúncio da morte de Deus como princípio hermenêutico de entendimento de uma possível teoria da religião em Nietzsche. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2012.

SPONVILLE, André Comte. **Ni el sexo ni la muerte**. Barcelona: Espasa Libros, 2012, p. 69.

SPONVILLE, André Comte. **O Espírito do ateísmo**: Introdução a uma espiritualidade sem Deus. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

MINI CURRÍCULO E CONTRIBUIÇÕES AUTORES

TÍTULO DO ARTIGO	POR UMA ESPIRITUALIDADE LAICA
RECEBIDO	25/03/2023
AVALIADO	31/10/2023
ACEITO	16/11/2023

AUTOR 1	
PRONOME DE TRATAMENTO	Sr.
NOME COMPLETO	Wesley de Jesus Barbosa
INSTITUIÇÃO/AFILIAÇÃO	UFES e UFF
CIDADE	Vitória
ESTADO	Espírito Santo
PAÍS	Brasil
LINK LATTES	http://lattes.cnpq.br/5218922065137427
ID ORCID	https://orcid.org/0000-0001-8766-6670
RESUMO DA BIOGRAFIA	Licenciado em História e Bacharel em Psicologia pela UFES. Mestre em Filosofia (PPGFIL-UFES). Doutorando em Filosofia (PPGFIL-UFES) e doutorando em Psicologia (PPGP-UFF).
CONTRIBUIÇÃO DO AUTOR NO ARTIGO	Autor.

Endereço de Correspondência dos autores	wesleydejesusbarbosa1980@gmail.com
-----------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------